

Cuba e Estados Unidos: novos ares nas Américas

GABRIEL ASAF E NATÁLIA AMARAL DE ARAÚJO



As relações diplomáticas entre Estados Unidos e Cuba existem desde a virada do século XIX para o XX. No início, os EUA ajudaram a colônia espanhola a conquistar sua liberdade e, assim, exigiram um poder de intervenção para manter a ilha livre. Durante a primeira metade do século XX, as relações bilaterais entre esses Estados foi pacífica. A partir da década de 1950, no entanto, essa paz deu lugar a uma disputa política, econômica e ideológica. A Revolução Cubana, em 1959, culminou no corte das relações diplomáticas entre Estados Unidos e Cuba, assim como na saída desse da Organização dos Estados Americanos (OEA).

O relacionamento entre os dois países se dá de forma conturbada há mais de meio século. Demonstrado principalmente pelo embargo econômico que ainda persiste sobre a Ilha caribenha desde 1961, além da inclusão, em 1982 – e recente retirada – de Cuba na lista dos Estados patrocinadores do terrorismo. Essa relação, contudo, tem mostrado sinais de reaproximação, a medida em que vão sendo superadas questões político-ideológicas.

Em sua primeira Cúpula das Américas, realizada em Trinidad e Tobago, em 2009, o então recentemente eleito presidente dos Estados Unidos da América, Barack Obama, afirmou ser do interesse norte-americano, a reaproximação dos países latino-americanos. Então, a partir de dificuldades políticas encontradas no

Congresso estadunidense, Obama sente a necessidade de ação independente da inércia do parlamento para dar corpo a sua política externa de restabelecimento de relações cordiais com os países ao sul do Rio Grande. Vários fatores internos e externos contribuem para tal.

A Venezuela, principal opositora ao país do norte-americano na América Latina, vive uma intensa crise econômica que tem reflexos em sua política interna e externa. Crise essa provocada pela abrupta queda no preço do Petróleo, base de sua economia e fonte de renda da maior parte da população. Cuba, até então sua principal aliança no continente, observa a fragilização dos acordos de cooperação e venda de petróleo para o país, o que debilita a fidelidade à Venezuela em favor de países que tem visto sua economia crescer. Dessa forma, Cuba busca alternativas e a flexibilização nas relações com outros países da América para que a fragilidade de sua parceira não a atinja.

O lado norte-americano também tem suas razões para reestruturar as relações com Cuba. Os Estados Unidos querem modificar a imagem intervencionista que tem perante os países latino-americanos. Para isso, busca a reaproximação com os diversos países da região, através da reabertura do diálogo e acordos. Acordos que pautam as questões migratórias, tendo em vista o grande e crescente percentual de sua população de origem hispânica ou latina, o acresce o lobby latino dentro da cúpula de governo americana.

Ademais, os Estados Unidos apresentam um novo viés em sua política externa, de preocupação e extensão do debate climático aos demais países latinos para o investimento em fontes alternativas de energia. Debate que é reforçado com a crise da principal economia fornecedora de petróleo latina, com a redução drástica do preço do combustível fóssil mais utilizado no mundo.

A partir da mediação inicial do Sumo Pontífice da Igreja Católica, uma Cuba preocupada com o futuro de seu regime e sua estabilidade econômica, e um presidente norte-americano tentando restabelecer a dinâmica regional através do legado de seu governo perante a inércia de um congresso conservador, vão, num movimento histórico e simbólico para a abolição dos últimos resquícios de Guerra Fria do continente, romper com a contenda entre os dois países e promover um amplo diálogo sobre o ressurgimento de um novo capítulo na história das relações internacionais americanas.

As negociações que se seguem ao restabelecimento do diálogo e das relações diplomáticas entre os dois países são de imensa importância para o desenvolvimento da diplomacia local. O próximo passo no desenrolar dos acontecimentos e restabelecimento das relações diplomáticas entre os dois países já foi dado: a retirada de Cuba da lista dos países patrocinadores do Terrorismo – onde se encontrava desde 1982. Discute-se a reabertura de embaixadas e representações consulares recíprocas. Processo esse que se dará de forma lenta e gradual. Ao passo que as relações vão se desenvolvendo e observa-se a semente da reabertura econômica cubana, o questionamento que assume a identidade das negociações é acerca do embargo econômico que assola a Ilha desde 1961. Esse objetivo, no entanto, parece se distanciar das próximas resoluções e, assim, não parece se configurar em soluções práticas. As expectativas futuras para os rumos da relação Estados Unidos – Cuba não podem ser medidas, mas há a espera para o fim do embargo econômico. Este fato, não obstante, é incerto visto que ainda é um evento recente. Podemos, contudo, afirmar que a geopolítica regional está em constante mudança com a ressignificação dos atores e com a transformação das relações entre os mesmos. A reaproximação entre EUA e Cuba é um grande

passo para uma maior integração das Américas e as consequências políticas devem, em breve, se tornar importantes desdobramentos econômicos.

Bibliografia

“O que significa Cuba sair da ‘lista negra’ dos Estados Unidos?”. Disponível em: < http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2015/04/150415_cuba_eua_lista_cc >. Visualização: 29 de maio de 2015

“Petróleo e Cuba ajudam EUA a retomar protagonismo na América Latina.”. Disponível em < http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2015/04/150412_eua_americalatina_relacoes_pai_jf.shtml >. Visualização: 01 de junho de 2015.

“Obama e Raúl Castro anunciam retomada das relações de Cuba e EUA.”. Disponível em < <http://g1.globo.com/mundo/noticia/2014/12/obama-e-raul-castro-anunciam-restabelecimento-de-relacoes-de-cuba-e-eua.html> >. Visualização: 01 de junho de 2015.